

# A REVOLUÇÃO DAS MULHERES

Aleksandra M. Kollontai ➤ Anna A. Kalmánovitch  
Ariadna V. Tirkóva-Williams ➤ Ekaterina D. Kuskova  
Elena A. Kuvchínskaia ➤ Inessa F. Armand  
Konkórdia N. Samóilova ➤ Liubov I. Guriévitch  
Maria I. Pokróvskaia ➤ Nadiéjda K. Krúpskaia  
Olga A. Chapír

# **GRAZIELA SCHNEIDER [ORG.]**

# **A REVOLUÇÃO**

# **DAS MULHERES**

**emancipação feminina na Rússia soviética**

---

artigos, atas, panfletos, ensaios



Copyright da edição © Boitempo, 2017

*Direção editorial*

Ivana Jinkings

*Edição*

Bibiana Leme

*Assistência editorial*

Thaís Burani

*Tradução*

Cecília Rosas, Denise Sales, Ekaterina Vólkova Américo, Gabriela Soares, Gabriella Oliveira, Gabrielle Figueira, Kristina Balykova, Melissa Teixeira Siqueira Barbosa, Natalia Quintero, Priscila Marques, Renata Esteves, Sofia Osthoff, Tatiana Lárkina, Thaiz Carvalho Senna  
(conforme identificação em cada texto)

*Conferência final*

Paula Vaz de Almeida

*Preparação*

Mariana Tavares

*Revisão*

Maíra Bregalda

*Coordenação de produção*

Livia Campos

*Capa*

Ivana Jinkings

(sobre montagem com fotografia em óleo sobre tela de Liubov Popova, 1917)

*Diagramação*

Natalia Aranda (Crayon Editorial)

Equipe de apoio: Allan Jones / Ana Yumi Kajiki / Artur Renzo / Eduardo Marques / Elaine Ramos / Frederico Indiani / Isabella Marcatti / Ivam Oliveira / Kim Doria / Marlene Baptista / Maurício Barbosa / Renato Soares / Thaís Barros / Tulio Candiottto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R35

A revolução das mulheres : emancipação feminina na Rússia soviética / organização Graziela Schneider ; [tradução Cecília Rosas ... [et al.]]. – 1. ed. – São Paulo : Boitempo, 2017.

ISBN: 978-85-7559-538-1

1. União Soviética - História - Revolução, 1917-1921. 2. Mulheres - Condições sociais - União Soviética. 3. Feminismo - História - União Soviética. I. Schneider, Graziela. II. Rosas, Cecília. III. Título.

17-39486

CDD: 305.42

CDU: 316.346.2-055-2

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: março de 2017

1ª reimpressão: junho de 2017; 2ª reimpressão: fevereiro de 2018

3ª reimpressão: novembro de 2018; 4ª reimpressão: junho de 2021

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285

editor@boitempoeditorial.com.br

www.boitempoeditorial.com.br | www.blogdaboitempo.com.br

www.facebook.com/boitempo | www.twitter.com/editoraboitempo

www.youtube.com/tvboitempo | www.instagram.com/boitempo

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – As vozes da revolução das mulheres . . . . .	11
<i>Graziela Schneider</i>	
ANNA ANDRÉIEVNA KALMÁNOVITCH (s.d.) . . . . .	15
Algumas palavras sobre o feminismo . . . . .	18
O movimento feminista e a relação dos partidos com ele . . . . .	21
OLGA ANDRÉIEVNA CHAPÍR (1850-1916) . . . . .	39
Ideais de futuro . . . . .	42
MARIA IVÁNOVNA POKRÓVSKAIA (1852-s.d.) . . . . .	49
Como as mulheres devem lutar contra a prostituição. . . . .	52
Lei e vida . . . . .	61
LIUBOV IÁKOVLEVNA GURIÉVITCH (1866-1940) . . . . .	71
A questão da igualdade de direitos das mulheres no meio camponês. . . . .	75
Sobre a questão do sufrágio feminino na sociedade russa, nos <i>ziémstvo</i> e nas cidades . . . . .	81
NADIÉJDA KONSTANTÍNOVNA KRÚPSKAIA (1869-1939) . . . . .	85
Deve-se ensinar “coisas de mulher” aos meninos? . . . . .	88
União da juventude . . . . .	92
Guerra e maternidade . . . . .	94
A trabalhadora e a religião . . . . .	99
Comunicado às operárias e camponesas sobre a morte de Lênin . .	102
O Partido Comunista e a trabalhadora. . . . .	103
A religião e a mulher. . . . .	105
Sobre o Congresso das Operárias e Camponesas . . . . .	109
Caminhos para a emancipação da mulher oriental. . . . .	114
Prefácio para a coletânea <i>O legado de Lênin sobre a emancipação da mulher</i> . . . . .	124
Apenas no país dos soviets a mulher é livre e tem direitos iguais . .	126

EkATERINA DMÍTRIEVNA KUSKOVA (1869-1958) . . . . .	131
Mulheres e igualdade: a respeito do I Congresso de Mulheres de Toda a Rússia. . . . .	134
ARIADNA VLADÍMIROVNA TIRKÓVA-WILLIAMS (1869-1962) . . . . .	139
A transformação psicológica da mulher ao longo dos últimos cem anos . . . . .	142
ALEKSANDRA MIKHÁILOVNA KOLLONTAI (1872-1952) . . . . .	147
A mulher trabalhadora na sociedade contemporânea . . . . .	150
O dia da mulher. . . . .	160
Na Rússia também haverá um dia da mulher! . . . . .	164
O fracasso do lema da “paz civil” . . . . .	167
V. I. Lênin e o I Congresso de Trabalhadoras . . . . .	172
Relações entre os sexos e a luta de classes . . . . .	176
Da história do movimento das trabalhadoras na Rússia . . . . .	191
I Conferência Internacional de Mulheres Comunistas . . . . .	202
Os sindicatos e a trabalhadora . . . . .	207
A III Internacional e a trabalhadora. . . . .	210
O que Outubro deu à mulher ocidental . . . . .	214
As combatentes no dia do Grande Outubro . . . . .	217
INESSA FIÓDOROVNA ARMAND (1874-1920) . . . . .	223
A trabalhadora e o Congresso de Mulheres de Toda a Rússia . . . .	226
O Partido Comunista e a trabalhadora. . . . .	228
A trabalhadora no combate à contrarrevolução . . . . .	231
A trabalhadora defende a Revolução de Outubro. . . . .	233
As trabalhadoras e os soviets . . . . .	236
As operárias e as camponesas zelam pelo Exército Vermelho . . . .	238
As trabalhadoras na I Internacional . . . . .	239
ELENA ALEKSÁNDROVNA KUVCHÍNSKAIA (1874-1928) . . . . .	245
Mulher e política . . . . .	248
KONKÓRDIA NIKOLÁIEVNA SAMÓILOVA (1876-1921) . . . . .	253
O que a Grande Revolução de Outubro deu aos operários e camponeses . . . . .	256

## DEVE-SE ENSINAR “COISAS DE MULHER” AOS MENINOS?\*

No relatório da Comissão para a Educação Popular de São Petersburgo no ano de 1908, um dos especialistas, ao emitir um parecer sobre o ensino de bordado, diz:

Acerca dos bordados, devo atestar com a mais profunda alegria que em quase todas as escolas mistas eles eram apreciados não apenas por meninas, mas por meninos, e os últimos desempenhavam essa tarefa com tanto gosto que em algumas escolas seus resultados superavam o das meninas, por exemplo, na costura e no trançado.

Esse trecho do relatório supracitado foi inserido na edição de dezembro do ano passado do boletim de educação, na seção de crônicas; o autor da crônica expressa certa dúvida quanto à utilidade de se ensinar meninos a costurar.

Gostaria de dizer algumas palavras sobre esse tema.

Antes de tudo, colocarei a questão de forma mais geral: deve-se ensinar aos meninos aqueles trabalhos que até então eram considerados exclusivamente femininos, como costurar, cozinhar, lavar, cuidar de crianças etc.?

Na sociedade contemporânea, a vida familiar está ligada – e isso provavelmente continuará assim por muito tempo – a uma série de pequenos cuidados que se relacionam com a concretização de afazeres domésticos isolados. A futura reformulação da produção e a alteração das condições da vida em sociedade introduzirão significativas mudanças nesse âmbito, mas enquanto a vida familiar estiver ligada a tarefas como cozinhar o almoço, limpar a casa, remendar o uniforme, educar os filhos etc., todo esse trabalho recairá integralmente sobre a mulher.

Nas famílias que possuem meios, esse trabalho cabe a uma empregada contratada: cozinheira, faxineira, babá. A mulher de posses

---

\* Tradução de Priscila Marques. (N. E.)

liberta-se de tais tarefas, encarregando outra mulher que não tem, ela mesma, chance de se libertar. De uma forma ou de outra, todo o trabalho doméstico recai exclusivamente sobre a mulher. No meio operário, o marido às vezes ajuda a esposa nos afazeres. A necessidade o obriga. Ao retornar do trabalho, nos feriados, nos dias de folga, o trabalhador por vezes vai até a mercearia, varre o chão e cuida das crianças. É claro, nem sempre e nem todos fazem isso; além do mais, muitos nem sequer sabem fazê-lo (costurar, lavar), e a esposa, que às vezes também passa o dia trabalhando fora de casa, quando volta, põe-se a lavar roupa, a limpar o chão e fica até tarde da noite costurando, quando o marido há muito está dormindo. Mas se entre os trabalhadores às vezes ocorre de o marido ajudar a esposa com o trabalho doméstico, nas assim chamadas famílias da *intelligentsia*, por mais desprovidas que sejam, o homem nunca participa desse serviço, deixando que a esposa faça suas “coisas de mulher” da maneira como ela sabe. Um membro da *intelligentsia* limpando o chão ou remendando a roupa branca seria alvo de gozação de todos à sua volta.

Na imprensa burguesa (em especial do Ocidente), fala-se muito que o trabalho doméstico é um campo no qual a mulher pode empregar suas forças de maneira mais produtiva. A pessoa só cria algo verdadeiramente grandioso atuando na esfera que melhor corresponde à sua individualidade, e os pequenos cuidados domésticos são os mais apropriados à individualidade da mulher. Ela deve se preocupar em ser uma dona de casa exemplar, e não se esforçar para deixar a vida familiar nem concorrer com o homem no campo do trabalho intelectual. Não se trata de desprezar a função de tirar o pó e remendar meias-calças; são tarefas que merecem todo respeito e de forma alguma desprezo.

A hipocrisia desse discurso é evidente, uma vez que os homens que saem por aí anunciando seu grande respeito pelo trabalho doméstico jamais se rebaixam a efetivamente realizá-lo. Por quê? Pois, no fundo de sua alma, desprezam essa tarefa, consideram-na coisa de seres menos evoluídos, possuidores de necessidades mais simplórias.

Todas essas conversas sobre a mulher ser “naturalmente predestinada” à execução dos afazeres domésticos são bobagens semelhantes ao discurso que, na época, os donos de escravos faziam sobre estes serem “naturalmente predestinados” à condição de escravos.

Em essência, não há nada no trabalho doméstico que faça com que ele seja uma ocupação mais adequada para a individualidade da

mulher do que para a do homem. Certos trabalhos que exigem grande força física estão acima da capacidade das mulheres, mas por que o homem não pode realizar afazeres domésticos junto com a esposa? A questão não é que esse trabalho seja inerente à esfera das mulheres, mas sim que o marido precisa trabalhar durante a maior parte do tempo fora de casa para garantir o sustento. Enquanto isso acontecer, haverá algum fundamento para que as tarefas de casa sejam realizadas exclusivamente pelas forças femininas. Mas, à medida que a mulher é cada vez mais forçada a também se dedicar a assegurar seu ganha-pão, os afazeres domésticos tomam um tempo adicional, e não é justo que os homens não contribuam para a sua realização. Da mesma forma, se a profissão do marido permite que ele tenha muito tempo livre, não é justo que ele considere indigno se dedicar ao trabalho doméstico em pé de igualdade com a esposa.

A escola livre luta contra todos os preconceitos que arruinam a vida das pessoas. O preconceito de que a tarefa doméstica é digna apenas de seres com necessidades menores abala a relação entre homens e mulheres, introduzindo nela um princípio de desigualdade. Tal preconceito não martirizou apenas uma mulher, não gerou alienação e discórdia em apenas uma família. A escola livre é uma ardente defensora da educação coletiva, uma vez que considera que o trabalho coletivo e as condições iguais de desenvolvimento favorecem a compreensão mútua e a aproximação espiritual dos jovens de ambos os sexos e, assim, servem de garantia para relações saudáveis entre homens e mulheres. A partir desse ponto de vista, a escola livre, ao ensinar trabalhos manuais, não deve diferenciar crianças de sexos distintos. É preciso que meninos e meninas aprendam da mesma forma a fazer todo o necessário no trabalho doméstico e não se considerem indignos de realizá-lo.

Quem já observou crianças sabe que na primeira infância os meninos se dispõem com tanto gosto quanto as meninas a ajudar a mãe a cozinhar, a lavar a louça e a realizar quaisquer tarefas domésticas. Isso parece tão interessante! Mas, em geral, desde os primeiros anos começa a haver uma diferenciação no interior da família. As meninas recebem a incumbência de lavar as xícaras, de arrumar a mesa, enquanto para os meninos dizem: “O que você está fazendo aqui na cozinha? Por acaso isso é coisa de homem?”. As meninas são presenteadas com bonecas e louças; os meninos, com trens e soldadinhos. Na idade escolar, eles já aprenderam em suficiente medida a desprezar



“as meninas” e suas tarefas. É verdade que esse desprezo ainda é muito superficial e, se a escola seguir outra abordagem, essa depreciação por “coisas de mulher” rapidamente desaparecerá. Com tais objetivos, é preciso ensinar aos meninos, juntamente com as meninas, a costurar, a fazer crochê, a remendar a roupa branca, ou seja, tudo aquilo sem o qual não se pode viver e cujo desconhecimento torna a pessoa impotente e dependente de outros. Se essa aprendizagem ocorrer como se deve, há razões para pensar que os meninos a realizem com prazer, como se pode observar no exemplo das escolas de São Petersburgo (é característico que esse experimento tenha sido realizado em escolas mistas). Sendo assim, é preciso encarregar alternadamente as próprias crianças (sem separação do trabalho entre meninos e meninas) da tarefa de preparar o café da manhã coletivo, de lavar a louça, de arrumar as salas, de limpá-las etc. O desejo de ser útil, de realizar bem a função que lhe foi atribuída, o entusiasmo pelo trabalho farão com que o menino logo se esqueça do seu desdém pelas “coisas de mulher”.

É claro que seria ridículo esperar grandes consequências de se ensinar “coisas de mulher” aos meninos, mas trata-se de um daqueles detalhes que compõem o espírito geral da escola e aos quais é preciso atentar.

**Fonte:** Следует ли обучать мальчиков “бабьему делу”? [Deve-se ensinar “coisas de mulher” aos meninos?], em *Svobódnioie Vozpitánie/ Свободное воспитание* [Educação Livre], n. 10, 1909-1910.